



## VOZES DA ARQUIBANCADA: O FENÔMENO DO AFASTAMENTO DAS ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA<sup>1</sup>

Carolina Mezzetti de Freitas Rochael  
Gustavo Pereira Côrtes

### RESUMO

Esse artigo pretende reverberar as vozes das estudantes que se afastam das aulas de Educação Física para ficar nas arquibancadas das quadras. O objetivo desta pesquisa foi discutir as razões do desinteresse das adolescentes do ensino médio em participarem das aulas, o que nos levou a percorrer o caminho através do Mestrado Profissional em Educação Física Escolar em Rede Nacional (PROEF), polo UFMG. Neste estudo de caso, o fenômeno pesquisado deriva da observação da movimentação das estudantes nas aulas de Educação Física em uma escola pública da rede estadual em Belo Horizonte que, aula após aula, sentam-se na arquibancada e não realizam as atividades propostas chegando por vezes a 50% do número total de alunas afastadas da aula. Assim, através de uma metodologia que contou com a observação das aulas durante um bimestre letivo, do diário de aulas, entrevistas com as adolescentes e diversas leituras sobre o assunto, apresentamos como resultado dessa pesquisa as vozes da arquibancada: o fenômeno do afastamento das adolescentes do ensino médio nas aulas de Educação Física. Percebeu-se que diversos fatores influenciam no afastamento e através da análise das falas das estudantes e observações do diário de bordo foram construídas 3 categorias definidas como estrutural, pedagógica e comportamental para refletir sobre o tema.

**Palavras-chave:** Educação Física, Afastamento das aulas, Ensino Médio, Fenomenologia, Vozes da arquibancada.

VOICES FROM THE STANDS: THE PHENOMENON OF HIGH SCHOOL GIRLS' ABSENCE FROM PHYSICAL EDUCATION CLASSES.

### ABSTRACT

This article aims to reverberate the voices of students who stay away from Physical Education classes to stay in the stands on the courts. The objective of this research was to discuss the reasons for the lack of interest among high school teenagers in participating in classes, which led us to follow the path through the Professional Master's Degree in School Physical Education in a National Network (PROEF), UFMG. In this case study, the characteristics researched derive from the observation of the movement of students in Physical Education classes at a public state school in Belo Horizonte who, class after class, sit in the stands and do not carry out the proposed activities, sometimes arriving 50%

---

<sup>1</sup> Artigo baseado na dissertação de Carolina Mezzetti de Freitas Rochael, orientada pelo Professor Doutor Gustavo Pereira Côrtes: O FENÔMENO ARQUIBANCADA: análise do afastamento das meninas nas aulas de Educação Física do Ensino Médio em uma escola na rede estadual de Minas Gerais; defendido em 2020, na Universidade Federal de Minas Gerais, no programa Mestrado Profissional em Educação Física em rede Nacional. Email dos autores: Email: [ninacarol12@yahoo.com.br](mailto:ninacarol12@yahoo.com.br); [gustavocortesufmg@gmail.com](mailto:gustavocortesufmg@gmail.com) – Vínculo – UFMG – ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3335-1731>

of the total number of students away from class. The stands (or any place outside the court) then became a place at school in which it is possible to identify this student profile, who makes the decision not to want to take Physical Education classes. Thus, through a methodology that included the observation of classes during a two-month academic period, the class diary, interviews with the teenagers and various readings on the subject, we present as a result of this research the voices from the stands: the phenomenon of teenage girls' withdrawal high school students in Physical Education classes. We realized that several factors influenced the absence and through the analysis of the students' statements and observations from the logbook, 3 categories defined as structural, pedagogical and behavioral were constructed for reflection on the topic.

**Keywords:** Physical Education, Absence from classes, High School, Phenomenology, Voices from the stands.

## VOCES DESDE LA GRADA: EL FENÓMENO DE LA AUSENCIA DE NIÑAS DE SECUNDARIA A LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA.

### RESUMEN

Este artículo pretende hacer eco de las voces de estudiantes que se alejaron de las clases de Educación Física para quedarse en las gradas de las canchas. El objetivo de esta investigación fue discutir las razones de la falta de interés de los adolescentes en la enseñanza secundaria para participar en las clases, lo que nos llevó a seguir el camino a través de la Maestría Profesional en Educación Física Escolar en Red Nacional (PROEF), UFMG. En este estudio de caso, las características investigadas derivan de la observación del movimiento de los estudiantes de las clases de Educación Física de una escuela pública estatal de Belo Horizonte que, clase tras clase, se sientan en las gradas y no realizan las actividades propuestas, llegando en ocasiones a 50% del total de alumnos fuera de clase. Así, a través de una metodología que incluye observación de clases durante un bimestre académico, diarios de clase, entrevistas a adolescentes y diversas lecturas sobre el tema, se presentan las voces desde las gradas resultado de esta investigación: la manifestación de los adolescentes. 'Retiro de estudiantes de secundaria en clases de Educación Física. Nos dimos cuenta de que varios factores influyeron en la ausencia y a través del análisis de los dichos y observaciones de los estudiantes del cuaderno de bitácora se construyeron 3 categorías definidas como estructural, pedagógica y comportamental para la reflexión sobre el tema.

**Palabras clave:** Educación Física, Ausencias a clases, Bachillerato, Fenomenología, Voces desde las gradas.

### INTRODUÇÃO

Iniciamos nosso diálogo com a seguinte pergunta: as expectativas esperadas para os corpos femininos na sociedade brasileira atual interferem nas aulas de Educação Física? Na minha vivência diária como professora da rede pública estadual de ensino em Minas Gerais, percebia que o afastamento das meninas do ensino médio das aulas de Educação Física era algo frequente. Ao iniciar o Mestrado Profissional em Educação Física Escolar em Rede Nacional (PROEF), polo UFMG e em conversas com os colegas de classe durante as discussões sobre os projetos de pesquisa na disciplina Problemáticas da Educação Física, muitos professores também relataram ser esse um problema rotineiro em suas aulas para o

ensino médio. Por se tratar de um mestrado profissional, que busca compreender e analisar um problema de pesquisa a partir de experiências reais e cotidianas da prática docente, refletimos que este era o momento ideal para investigar esse tema tão relevante para docentes que sofrem com o afastamento de seus alunos e alunas em suas aulas diárias. Assim, buscamos realizar o trabalho de pesquisa em uma outra escola da rede pública estadual de ensino e ouvimos as vozes de um grupo de 12 estudantes do ensino médio. As adolescentes, que normalmente ficavam na arquibancada da escola durante as aulas de Educação Física, foram convidadas a participar como protagonistas dessa história.

Para Darido (2004, p. 72), há 20 anos, já indicava existir um maior afastamento das meninas nas aulas de Educação Física com o passar dos anos, acentuando-se no Ensino Médio. Por isso, entender as possíveis justificativas desse afastamento é uma forma de construir aulas de Educação Física mais motivadoras e inclusivas para as educandas. Neste estudo, o fenômeno pesquisado deriva da observação da movimentação das estudantes nas aulas de Educação Física que, aula após aula, sentam-se na arquibancada e não realizam as aulas de Educação Física. A arquibancada (ou qualquer lugar fora da quadra) tornou-se então um lugar na escola no qual é possível identificar esse perfil de estudante, que toma a decisão de não querer fazer as aulas de Educação Física, na maioria das vezes sem justificar o motivo dessa não participação.

Esse afastamento das adolescentes pode ser verificado historicamente em estudos anteriores, a partir da inserção da Educação Física como componente curricular da educação básica no Brasil. Sousa (1994) retrata a história da Educação Física em Belo Horizonte de 1897 a 1994, e pontua que havia atividades e finalidades distintas para os corpos femininos e masculinos nos objetivos das aulas e nos deixa uma indagação clássica e atual: “Meninos, à marcha... Meninas, à sombra. Essa história continuará se repetindo?...”. A autora, ao se referir à construção de corpos femininos e masculinos nos modos de pensar, agir e sentir na sociedade, destaca que a escola contribui para essa história:

A história revela que tal construção não se expressa apenas nos conteúdos de ensino, mas, é, também, assegurada, na escola, por usos, costumes, objetos, roupas, espaços físicos, organização curricular, rituais, normas, técnicas e, especialmente, por técnicas do corpo- suas maneiras de pensar, sentir e agir (Sousa, 1994, p. 211).

## **DECISÕES METODOLÓGICAS:**

O lócus desse estudo se deu em uma escola pública da rede estadual que ofertasse aulas de Educação Física no Ensino Médio ministradas por um professor formado na área,

na região metropolitana de Belo Horizonte/MG. A pesquisa se deu em uma perspectiva de abordagem qualitativa, pois buscou compreender os significados do afastamento para as estudantes, decisão comum, mas particular e subjetiva de cada adolescente. “Os pesquisadores qualitativos tentam compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes” (Godoy, 1995, p. 63). Utilizamos a análise fenomenológica, pois a decisão de sentar-se na arquibancada e se afastar das aulas é um fenômeno, um acontecimento único e repleto de significados. Para Surdi e Kunz (2010, p. 264) “a fenomenologia identifica o que existe de único na existência humana, ao reconhecer que o homem se faz num certo tempo e lugar, com um determinado tipo de experiência”.

Construímos o diário de bordo com as anotações e observações consideradas relevantes do contexto escolar no período do dia 16 de abril a 10 de julho de 2019, em um total de 30 aulas observadas de 3 turmas do Ensino Médio. “Nele diariamente podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas” (Minayo, 1994, p. 67). A metodologia utilizada foi a de uma observação participante. “A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (Minayo, 1994, p. 59). Observamos que de um total de 40 discentes em média (20 alunos e 20 alunas) havia em torno de 10 adolescentes na arquibancada de cada turma, 50% do número total de alunas de cada sala que não realizavam as atividades propostas pelo professor. Após essa observação e após consultar o professor que concordou com o estudo, convidamos todas as estudantes que não faziam as aulas a participarem de um grupo de discussão. Segundo Minayo (1994),

No primeiro caso (*discussão de grupo*), sua aplicação se dá em uma ou mais sessões, em pequenos grupos de 6 a 12 componentes, com um animador que faz intervenções no decorrer das discussões. O papel desse animador não se restringe meramente ao aspecto técnico. A relevância da sua atuação está na capacidade de interação com o grupo e de coordenação da discussão. A seleção dos participantes ocorre a partir de grupos com opiniões e ideias voltadas para o interesse da pesquisa. A *discussão de grupo* visa complementar as entrevistas individuais e a observação do participante (Minayo, 1994, p. 58).

Dessa forma, conseguimos realizar 2 grupos de discussão com a participação de 12 jovens que aceitaram fazer parte do estudo, e duas entrevistas em separado, pois duas estudantes não podiam participar no dia e horário combinado, mas queriam participar da pesquisa. O projeto foi aprovado pelo Comitê de ética e pesquisa da UFMG sob o número:

22273719.2.0000.5149. Nos grupos de discussão e nas duas entrevistas o trabalho foi desenvolvido seguindo um roteiro com algumas perguntas norteadoras relacionadas com o afastamento nas aulas de Educação Física, entre as quais: “Por que você não participa das aulas de Educação Física?”, e “O que você acredita que poderia mudar nas aulas, na escola, no ambiente escolar que aumentaria o seu interesse em participar das aulas de Educação Física?” Os encontros foram gravados em áudio, e a metodologia para a interpretação das falas foi dividida em categorias (Pedagógica, Estrutural e Comportamental) e em subcategorias que se interrelacionam e que emergiram durante a pesquisa a partir das respostas das alunas: “as categorias representam os nós de uma rede” (Moraes; Galiuzzi, 2006, p. 125). Ao defini-las, o pesquisador apresenta os elementos emergentes dos textos analisados:

As categorias vão emergindo, inicialmente imprecisas e inseguras, mas gradativamente sendo explicitadas com rigor e clareza. Uma vez concretizada a impregnação nos materiais da análise, com intensa desorganização e desconstrução, as categorias emergem resultantes deste movimento de compreensão do que está sendo significado pelo pesquisador (Moraes; Galiuzzi, 2006, p. 125).

### ***ANÁLISE DOS DADOS:***

Na análise dos dados da pesquisa, a ***categoria pedagógica*** buscou apresentar discussões relacionadas com o contexto do professor, suas metodologias, os conteúdos e as avaliações desenvolvidas. Essa categoria foi dividida em três subcategorias: **o professor, os conteúdos e a avaliação.**

O **professor** que participou da pesquisa era um docente formado em Educação Física que se preocupava com o desenvolvimento do conteúdo e dos seus estudantes. Foram diversos os relatos das educandas destacando a atuação do professor Heitor<sup>2</sup> e da importância da sua postura durante as aulas. Paula, uma das alunas, descreve:

“Então, ele sempre me motivou, sempre está indo atrás, não só de mim, como de todo mundo, ele sempre está atrás de conteúdo, ele, todo bimestre procura uma coisa nova, ele passa as coisas na sala direitinho, tipo antes da prova ele dá revisão, ele não desce com a gente, ele dá a revisão completa, ele conversa, ele questiona.” (Paula, diário de bordo).

De acordo com a aluna, o docente também buscava apresentar conteúdos diversificados e conceituá-los, esclarecendo as dúvidas dos estudantes. Dessa forma, a fala de Paula corrobora com de Tenório e Silva (2013):

---

<sup>2</sup> Todos os nomes foram trocados para garantir o anonimato da pesquisa.

É de grande relevância a postura adotada pelo professor, para a prática ou não da Educação Física escolar, não somente em lidar com alunos mais questionadores, mas também com a falta de interesse em participar das aulas e achar a melhor forma de solucionar tal problema (Tenório; Silva, 2013, p. 6).

Em relação aos **conteúdos**, de acordo com as observações das aulas, e também das falas das entrevistadas, podemos perceber que o professor se preocupava com a diversidade de atividades ministradas durante um bimestre letivo: voleibol, brincadeiras e jogos, handebol e dança. Para Chicati (2000), é responsabilidade do professor de Educação Física tornar as aulas motivantes e uma das maneiras de fazê-lo é buscar a diversificação dos conteúdos, na tentativa de atender às expectativas dos estudantes.

A **avaliação** também era outra preocupação do professor, que buscava abordar as três dimensões do conteúdo: atitudinal, conceitual e procedimental. O docente realizava um simulado (relacionado com a dimensão conceitual), o trabalho em grupo (atitudinal e conceitual), avaliava a participação dos estudantes (procedimental) e a autoavaliação (atitudinal). Entretanto, segundo as estudantes, a distribuição de pontos era um fator que favorecia o afastamento, já que com a nota do simulado, do trabalho em grupo e autoavaliação os adolescentes conseguiam a média da disciplina e por isso, muitas jovens escolhiam não realizar as aulas práticas e ficar na arquibancada. Nesse aspecto, o professor poderia refletir sobre a distribuição de pontos de forma que favoreça uma maior participação das estudantes, contudo, destaca-se que alcançar a média da disciplina era possível para todos os alunos e as alunas, mas o afastamento era percebido apenas das adolescentes. Quais eram então os outros motivos?

A **categoria estrutural** nos ajudou a refletir como as estruturas da escola, física ou organizacional podem influenciar na decisão de não participação nas aulas de Educação Física. O ambiente escolar é estruturado por diversas regras que influenciam no comportamento dos estudantes e na dinâmica escola. Essa categoria foi dividida em quatro subcategorias: **a escola, o material, o número de estudantes por turma e a aula mista**. As primeiras subcategorias estão relacionadas com a estrutura física e as duas últimas com a estrutura organizacional da instituição.

A **escola** foi um fator relevante presente nas falas das estudantes. A estrutura física das quadras e o banheiro foram os espaços mais citados. As educandas narram que a falta de cobertura em uma das quadras provoca desânimo e é um dos motivos que afastam as mesmas das aulas. Outra questão é a estrutura do banheiro que, segundo as alunas, não favorece a higiene e a troca de roupa. Os incômodos gerados pela infraestrutura ruim, quadras

descobertas e banheiros inadequados geravam exposição ao sol e suor excessivo, que afetavam as adolescentes e também eram razões para o afastamento das aulas. Ana Clara, uma das estudantes, relata:

“Se o suor incomoda a gente, a gente quer um lugar para poder limpar, né? E naquele banheiro, a gente não tem vontade nem de entrar. E é muito pequenininho, muito estreito para trocar de roupa. Igual na hora que eu troco de roupa para ir para o curso. É muito estreito é muito difícil e não tem tranca na porta. Direto eu estou trocando de roupa e alguém abre a porta” (Ana Clara, entrevista).

As experiências narradas pelas alunas nos relatos corroboram com Damazio e Silva (2008) quando apontam que professores e alunos reclamam da problemática exposição solar, enfatizando que as condições climáticas interferem no planejamento da aula, necessitando constantemente de adaptações.

**O material** utilizado nas aulas é outro aspecto relevante abordado no discurso das jovens. Elas descrevem como a falta de material interfere nesse processo de decisão de não participar das aulas. Tereza, uma das estudantes, narra:

“Ah! Um pouco. Porque como que a gente vai jogar peteca, se a parte debaixo tá estragada, né? Vai machucar a mão. Como que a gente vai jogar futebol, sendo que tem uma bola esvaziada, desmotivada, sabe? Acho que a questão de material e infraestrutura influencia sim. (Tereza, diário de bordo).

Quando não existe material suficiente para todos os discentes, a falta dele, ou a utilização de um material em condições inadequadas, são fatores que também desmotivam as adolescentes. Para Damazio e Silva (2008):

A ausência e a pouca qualidade de espaço físico e instalações para o ensino da educação física podem ser compreendidos por dois aspectos: a não valorização social dessa disciplina e o descaso das autoridades para com a educação destinada às camadas populares (Damazio; Silva, 2008, p. 193).

Percebemos assim que aspectos da infraestrutura e dos espaços físicos da escola interferem nas aulas, pois de acordo com as falas das jovens, materiais velhos, sujos, ou quebrados eram motivos para se afastarem das aulas.

**O número de estudantes por turma**, relacionado com a estrutura organizacional da escola, é outra subcategoria que estava presente na fala das educandas. Elas relatam que como as turmas possuem muitos estudantes, o professor não consegue intervir e auxiliar nas dúvidas e desafios presentes na aula para todos e todas. Quando o docente é requisitado, muitas das vezes não consegue ajudar, pois a demanda normalmente é alta já que as turmas possuem uma média de 40 estudantes. Luísa, uma das adolescentes, narra:

“Na escola tem um professor para 40 alunos, então, se um aluno tiver dificuldade em alguma coisa, ele chama o professor. Só que, às vezes, têm 10 alunos com dificuldade e só tem um professor. E aí, às vezes, por vergonha ou timidez você não pede ajuda para o professor, você está vendo que ele está ocupado e você não quer incomodar” (Luísa, diário de bordo).

Pelos relatos é importante destacar como um alto número de discentes por turma nas aulas influencia na desmotivação das estudantes. A última subcategoria a ser apresentada é a **aula mista**, que perpassa pela discussão tanto de questões estruturais e também comportamentais. As estudantes foram enfáticas ao discutir sobre essa categoria e trouxeram reflexões relevantes sobre as aulas mistas. Tereza narra que “quando é misto eu me sinto incomodada, porque os meninos são mais brutos e correm mais. Tipo assim, ela tá errando, tinha que ser menina!” (Tereza, diário de bordo). As estudantes descrevem cenas de violência verbal que paralisam os corpos femininos e as impedem de perceberem que participar das aulas é um direito. Outra adolescente, Ana Clara, faz uma consideração em relação a importância de fazer as aulas mistas, de aprender a respeitar o outro e suas diferenças, mas que preferem ficar na arquibancada e não participarem das aulas “por não se sentirem confortáveis em realizar as atividades diante dos olhares masculinos” (Ana Clara, entrevista). É importante salientar que a escola reflete valores presentes na sociedade e esses estudantes reproduzem no ambiente escolar suas formas de vivência. Para as adolescentes, as aulas mistas provocam momentos de vergonha e medo, experiências que marcam corpos e influenciam na decisão de não participar das aulas de Educação Física. Corroborando com Louro (1994):

O processo de educação de homens e mulheres supõe, portanto, uma construção social – e corporal – dos sujeitos. Implica na transmissão/aprendizagem de princípios valores, conhecimentos, habilidades; supõe também a internalização de gestos, posturas, comportamentos, disposições ‘apropriadas’ a cada sexo (Louro, 1994, p. 41).

É imprescindível envolver a participação das alunas nas aulas e, enquanto a situação não favoreça essa união, o professor pode sugerir em alguns momentos a separação para que as educandas se sintam à vontade em participar. Para Altmann (1998, p. 100), “levando em conta estas questões, a postura assumida pela Educação Física não precisa ser tão rígida, de forma que a união e a separação de meninos e meninas possam variar, dependendo das circunstâncias e da atividade realizada”. *A categoria comportamental* envolve aspectos relacionados com as juventudes presentes no universo escolar, e traz a análise de algumas temáticas que surgiram nas falas das educandas. Essa categoria foi dividida em três subcategorias: **violência**, **o medo**: inabilidade e erro e **vergonha do corpo**: percepção e expectativas corporais.

As questões comportamentais estão intrinsecamente relacionadas com questões sociais mais amplas, mas que na escola servem como argumentos para motivar o afastamento das alunas das aulas. A primeira subcategoria desenvolvida diante das falas é a **violência** presente na sociedade, e os seus reflexos na escola. As estudantes descrevem com muita ênfase vários momentos de violência verbal contra elas, e também a violência física que aparece pontualmente no discurso. A violência verbal acontece com mais frequência e para elas já está normalizada dentro do ambiente escolar. Para as estudantes, é comum e rotineiro ouvir insultos, xingamentos e palavras de baixo calão durante as aulas, e algumas narraram episódios em que erraram durante alguma atividade, e que os colegas, na maioria os meninos ao invés de ensiná-las e/ou ajudá-las, começaram a insultá-las. Ana Clara, relata em sua entrevista:

“E aí não dá vontade de jogar de novo. Igual uma vez, teve uma brincadeira e tinha que passar um grupo para o outro lado e o outro para o outro e o povo tinha que pegar. Aí eu não consegui, aí eu fiquei sozinha no meu grupo e eu já tava quase chorando, aí o povo do meu grupo não me ajudava. E ficava Ana Clara, você é burra, que não sei o que? E eu tava tremendo, e eu “Meu Deus e agora?”. Aí eu queria chorar porque eu não sabia o que eu fazia. É muito ruim, isso me deixou muito, com muita vergonha. E eu disse que nunca mais iria jogar, para não passar por isso” (Ana Clara, entrevista).

Dessa forma, essas experiências fazem com que as adolescentes se sintam constrangidas e preferam ficar na arquibancada para não passar por situações semelhantes ou ocorrer constrangimentos, pois o receio de sofrerem violências é maior do que a vontade de participar das aulas.

Outra subcategoria desenvolvida foi o **medo**, que para as estudantes está relacionado com a inabilidade e/ou o erro. A **inabilidade** envolve a dificuldade em realizar a atividade proposta, o que ocasiona em muitas das vezes uma exposição pública, já que, ao não conseguir praticar o movimento proposto na aula, ou fazê-lo de forma incorreta na frente de todos os colegas, gera um sentimento de frustração e um medo de ser criticada. Fernanda, outra aluna, relata seu medo:

“Eu tenho medo sabe, porque toda vez que eu jogo, eu caio, nossa eu sempre caio. Aí meio que eu tenho o medo da bola também, e aí, quando eu era mais nova, eu realmente não pratiquei, aí eu fiquei realmente sem nenhuma habilidade, nenhum equilíbrio para fazer essas coisas” (Fernanda, diário de bordo).

O **erro** que está relacionado com realizar de forma incorreta o que foi proposto é o que aparece com maior frequência na fala das educandas. O medo de errar o exercício expõe as estudantes a reação dos colegas, na maioria das vezes dos rapazes, e vem seguida de

violência verbal. A reclamação dos estudantes da turma diante do erro, paralisa as adolescentes e faz com que elas não se sintam à vontade em participarem da aula. Ana Clara narra que “Aí, tipo assim, você erra, as pessoas te criticam como se fosse alguma coisa muito séria, começam a te xingar. Aí, você fala, Meu Deus, mas o que que eu fiz?” (Ana Clara, entrevista). A fala das estudantes e as situações observadas corroboram com Altmann (1998):

A constante situação de vigilância presente nessas aulas não permitia que um passe de bola errado passasse despercebido, parecendo ter como eco risadas, comentários ou xingões. A fim de evitar tais constrangimentos, várias pessoas preferiam não se expor ao erro, excluindo-se do jogo (Altmann, 1998, p. 57).

A última subcategoria da categoria comportamental é a **vergonha do corpo**. A vergonha do corpo é discutida em duas partes: percepção corporal e expectativas corporais. A **percepção corporal** traz reflexões acerca do entendimento das adolescentes em relação aos movimentos do corpo propostos nas aulas, que em alguns momentos são atrelados a sexualidade, o que faz com que as jovens sintam vergonha em realizá-los. Ou seja, movimentos comuns do corpo humano, como agachar, correr (quando balança os seios), vem carregados de constrangimento, pois de alguma forma em nossa sociedade são movimentos para os corpos femininos que possuem um cunho sexual. Ana Clara exemplifica:

“É porque e também porque eu não gosto de correr, eu acho que eu corro feio, aí eu penso, todo mundo vai me ver correndo eu vou pagar mico. Então, isso eu não gosto. E também, tipo assim né, um dos motivos que eu não gosto de correr, acho que muita menina pode pensar assim, é por causa dos nossos seios, e quando nossos seios é muito grande, a gente vai correr e, sabe? Vai dando aquele movimento e fica muito constrangedor. Então, eu não gosto mesmo e é mais mesmo por isso” (Ana Clara, entrevista).

No tópico das **expectativas corporais** são abordadas questões que já estão impostas na nossa sociedade para os corpos femininos, e que muitas das vezes aparecem nas aulas de Educação Física influenciando na decisão de afastamento das educandas. A sociedade ainda educa e cobra das adolescentes para se preocuparem com questões estéticas (cabelo, unha, maquiagem), e estarem sempre arrumadas. Essas expectativas sociais para os corpos femininos não condizem com o resultado de quem participa das aulas de Educação Física, porque ao realizar as atividades a estudante ficará com o cabelo desarrumado e suada. Fernanda, aluna da escola, corrobora com tais expectativas sociais ao relatar falas de seu pai:

“Aí, quando eu fui crescendo, meu pai falou assim, essa perna sua está toda marcada, que não sei o que! Eu não namoraria uma mulher com a perna toda marcada que nem a sua. Aí eu sempre cresci escutando isso, então, eu ficava tipo: “Ah, não posso jogar então, porque se eu jogar, eu nunca vou conseguir arrumar um namorado, que minha perna vai ficar toda marcada. Era esse pensamento que eu tinha” (Fernanda, diário de bordo).

As alunas estão a todo tempo recebendo informações de como devem se portar, o que vestir, ou como se comportar, e isso irá influenciar também na decisão de participar ou não nas aulas de Educação Física. Para Silva e Coffani:

Ao considerar o contexto social na contemporaneidade, percebe-se que o professor de Educação Física no ensino médio precisa se configurar como o mediador do processo de aprendizagem, por exemplo, ocasionando o debate dos discursos do/sobre o corpo, propagados nos meios de comunicação, que têm provocado a homogeneização dos modos de ser, viver e sentir, a partir do estabelecimento de padrões corporais, imputando formas únicas e massificadas de expressão da corporalidade (Silva; Coffani, 2013, p. 166).

Ao analisarmos as aulas, através de um instrumento importante como a observação, poderíamos querer buscar soluções para as situações que foram presenciadas para a questão do afastamento em pauta. Entretanto, coube a esse estudo trazer as razões que fazem com que as jovens não façam as aulas de Educação Física. O estudo descreveu as motivações dos afastamentos das aulas e o porquê de as alunas permanecerem na arquibancada durante as atividades. A pesquisa revelou que quando a violência verbal é rotineira, quando o medo de errar é tamanho ou a vergonha do próprio corpo paralisa as ações das adolescentes, a metodologia das aulas deve ser revista com um olhar mais atento e acolhedor, para que as alunas se sintam confiantes e possam usufruir das atividades propostas na sua plenitude.

## **CONCLUSÃO: AS VOZES ECOAM...**

As vozes das adolescentes ecoam neste trabalho, e nos ajudam a pensar em uma Educação Física mais inclusiva nas escolas. No primeiro momento, quando buscávamos entender porque acontecia o fenômeno arquibancada, analisávamos com preconceito essas alunas que fugiam das aulas, como se fossem desinteressadas, preguiçosas, e com isso nos geravam um sentimento de frustração docente. Após a pesquisa, percebemos que a arquibancada é um espaço repleto de significados, um lugar seguro, como forma de fugir de todos os sentimentos que a participação nas aulas de Educação Física causa: o medo, a vergonha, a violência. A arquibancada é também um lugar de refúgio diante das expectativas corporais impostas para os corpos femininos das adolescentes na sociedade atual que, de alguma forma, são pressionadas para que estejam sempre belas, cheirosas e limpas. Entender as diversas causas do fenômeno **vozes da arquibancada** nos ajuda a buscar as razões para o afastamento das adolescentes nas aulas de Educação Física. O que não podemos mais aceitar é que 50% das alunas continuem afastadas das aulas, reprimidas por sentimentos e sensações

que podem ser refletidos em cada situação singular, mas que dizem também de um coletivo de alunas, no seu espaço e tempo. Tais reflexões devem buscar transformar nossas aulas em um aprendizado que gera conhecimento e acolhimento. Ao ouvir as vozes das estudantes, elas nos impactam e nos auxiliam a ter um novo olhar para as adolescentes que se afastam das aulas, menos judicativo e mais acolhedor. É imprescindível que tomemos novas atitudes diante do afastamento, assumindo novos comportamentos diante das situações que ocorrem no dia a dia da escola.

Convidamos vocês a ouvirem as vozes que inspiraram este trabalho e a escutarem tantas outras que estão espalhadas nas arquibancadas das escolas, esperando para serem ouvidas. Boa escuta: **Vozes da Arquibancada:**  
<https://sway.office.com/sdtyPRD4D2l8EQPI?ref=Link>.

## REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física.** 1998. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-85ZJEJ> Acesso em: 28/03/2024.
- CHICATI, K. C. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v.11, n.1, pp.97-105, 2000.
- DAMAZIO, M.; SILVA, M. O ensino da Educação Física e o espaço físico em questão. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 2, p. 197-207, maio/ago, 2008 Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/3590/4098>. Acesso em: 25/03/2024
- DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 1, pp.61-80, jan. mar. 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16551/18264>>. Acesso em: 25/03/2024.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, pp. 57-63, 1995.
- LOURO, G. Uma leitura da História da Educação na perspectiva do gênero. Projeto História. São Paulo, pp. 31-46, nov. 1994. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11412>. Acesso em: 25 /03/2024.
- MARTINELLI, C. R.; MERIDA, M.; RODRIGUES, G. M.; GRILLO, D. E.; SOUZA, J. X. Educação física no ensino médio: motivos que levam as alunas a não gostarem de participar das aulas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Barueri, v. 5, n.2, p.13-19, 2006. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1288>. Acesso em 25/03/2024.
- MINAYO, M. C. S. *et al.* **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. Análise textual discursiva: Processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/wvLhSxkz3JRgv3mcXHBWSXB>. Acesso em: 28/03/2024

SILVA, F. M.; COFFANI, M. C. R. S. O lugar da Educação Física no Ensino Médio: entre a presença e a ausência do aluno. **Conexões**: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas/SP, v. 11, n. 4, p. 164-185, out./dez., 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637597>. Acesso: 28/03/2024.

SOUSA, E. S. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!** A história da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). 1994. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1994.

SURDI, A. C.; KUNZ, E. K. Fenomenologia, movimento humano e a educação física. **Movimento**, v.16, n.4, p. 263-290, out./dez., 2010. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115316963015>. Acesso em: 28/03/2024.

TENÓRIO, J. G.; & SILVA, C. L. Educação Física Escolar e a não participação dos alunos nas aulas. **Ciência em Movimento**, Mato Grosso, v. 31, p.71-80, 2013.